

190 Índios e caranguejos

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

Confesso que me surpreendi ao ler que lá no Fórum de Ponta-Porã estão iniciando o julgamento dos assassinos do índio que mais me impressionou — Tupã-Y, que em tupi-guarani significa "deus pequeno".

Há dez anos que o mataram. E só dez anos depois é que ocorre o julgamento. Com isto se confirma parte do ditado — "a justiça tarda". Resta ver como será escrito o resto da frase. Pode ser "a justiça tarda e sempre falha" ou "a justiça tarda e às vezes falha". A outra hipótese "a justiça tarda e nunca falha" está desacreditada.

Quando dei com a notícia levei um susto. Meus Deus! Não apenas dez, mas passaram-se 13 anos que estive ali no Mato Grosso num congresso que reuniu 40 caciques de várias tribos. Passaram-se 13 anos desde que conversei com Tupã-y, um dos mais admiráveis oradores deste país.

Vendo-o falar, então me indagava: de que fala esse índio miúdo, de óculos, com quase 60 anos? Falava da mesma coisa que os outros falavam, mas falava diferentemente, mais fundo e mais forte. Pertencia à tradição guarani e, como diria Pierre Clastre, que estudou essa tribo, realizava "uma transmutação lingüística do universo cotidiano, em um Grande Falar que se chegou a pensar que era uma língua secreta".

O que Tupã-y falava não tinha, contudo, nenhum mistério. Era a história do extermínio das nações indígenas. E, de repente, não era aqueles índios que ali eu via. Via a todos nós, índios de segunda classe, já distanciados de nossas tradições e costumes e perdidos na História. Aqueles índios éramos nós participando das reuniões internacionais com banqueiros e mendigando empréstimos e ajuda financeira. Aqueles índios éramos nós, nas assembleias internacionais, do lado escuro e incômodo dos países do "Terceiro Mundo".

Aqueles índios em torno de Tupã-y éramos nós, um grupo de intelectuais num seminário em Nova York tentando explicar aos gringos, em língua alheia, os nossos problemas com a política da dependência cultural e econômica e o processo de espoliação a que estamos submetidos há 500 anos. Aqueles índios éramos nós, num congresso na Alemanha, também em língua alheia, reclamando da opressão e do acordo atômico. Os mesmos índios que protestam contra a instalação de usinas atômicas que ironicamente estão sendo construídas exatamente no lugar onde os guaranis pensaram ter achado o paraíso, a chamada "terra sem males".

Em 1980 Marçal de Sousa discursou diante do Papa João Paulo II, lá em Manaus.

E discursou tão sentida e magistralmente que Sua Santidade emocionou-se e quis saber se ele havia decorado a fala. Sabia de cor a dor e o sofrimento de seu povo. Falava de cor, isto é, de coração, e não de memória e decoreba.

Pois mataram-no numa madrugada de 1983. Foi morto por dois jagunços por se recusar a entrar numa negociata em que receberia cinco milhões para ajudar a dispor da terra de seus irmãos índios. Os bandidos chegaram à sua porta dizendo precisar de remédios, e ele, enfermeiro, ao virar-se para pegar os remédios, foi atravessado por facas e tiros.

Os índios guaranis sempre viveram o mito da "terra sem males". Várias vezes pensaram tê-la achado. Exatamente como os brasileiros. Volta e meia pensam que um político, um determinado regime ou constituição vai lhes dar o paraíso. E o paraíso não chega. Talvez por esse motivo a taxa de suicídio entre os guaranis cresceu muito nos últimos anos. Exatamente como o índice de miséria e morte entre os brasileiros.

Que punam os assassinos de Tupã-y, ainda que dez anos atrasados.

Que os brasileiros possam retomar a caminhada para uma terra sem tantos males.

■ A FOME E OS CARANGUEJOS — Josué de Castro escreveu livros cérebres como "A geografia da fome", e antes que morresse, há 20 anos, foi dos brasileiros mais cérebres internacionalmente.

Pois a fome aumentou. No Brasil e no mundo. E na hora em que o atual Governo lança um programa para socorrer os 32 milhões de miseráveis de nossa tribo, organizou-se no Rio um comitê nacional em torno do Ano Josué de Castro, para desencadear uma série de manifestações sobre o tema.

Do lançamento do Ano Josué de Castro, na Biblioteca Nacional, participaram o ministro Houaiss, Darcy Ribeiro, Herbert de Sousa (Betinho), Teotônio dos Santos, Francisco Julião, Clementino Fraga, Arnaldo Niskier, embaixador Sousa Dantas, Eduardo Portela, Miguel Angel Enrique e Marco Antonio Rodrigues (da Unesco), a filha de Josué, Ana Maria de Castro, além de dezenas de outras personalidades.

Uma das afirmações de Josué era a de que a miséria nos levava a realizar o "ciclo do caranguejo": o pobre comia o caranguejo, que comia as fezes do pobre. Dizia, então, que era necessário quebrar este ciclo. Passadas algumas décadas, sobre este tema, como diz Miguel Angel Enrique, há duas posições, a dos otimistas e a dos pessimistas. Os otimistas continuam dizendo que continuaremos a nos alimentar de caranguejos. Os pessimistas afirmam que não haverá caranguejos para todos.